



alberto de lacerda



labareda
poemas escolhidos

SELECÇÃO E PREFÁCIO
LUÍS AMORIM DE SOUSA

COORDENADOR DA COLECÇÃO
PEDRO MEXIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVIII

ALBERTO DE LACERDA — UM PREFÁCIO
LUÍS AMORIM DE SOUSA

Para quem o conheceu pessoalmente, Alberto de Lacerda correspondia em pleno à ideia que se tem de um poeta. O facto era indiscutível. Alberto era, para todos, o poeta. Mas um poeta como quem? Dylan Thomas? Pessoa? Apollinaire? Poetas-poetas, todos eles, mas Alberto era diferente. Seria talvez o seu ar solitário? O facto de viver em quartos alugados? Essa maneira de se sentar a um canto de um café a escrever em blocos de papel? O seu olhar ao mesmo tempo perscrutador e longínquo? As suas deambulações pela cidade? A sua «falta de jeito para o negócio»?

Tudo isso contribuía para o retrato que dele o mundo fazia. Mas que retrato? E que mundo? O retrato de um ser imbuído de algo tão evidente como inacessível, e um mundo amplo de amizades e convívios do qual se aproximava com prazer, mas se afastava resolutamente para estar a sós com as musas.

Acima de tudo, Alberto mantinha-se disponível para o poema, e a poesia nunca o abandonou. Visitava-o nos momentos mais banais do dia-a-dia, na intensidade de tudo o que o arrebatava. Tudo tinha expressão poética no mundo íntimo de Alberto de Lacerda.

Nascido na sua «bem-amada Ilha de Moçambique» que descreveu como «Perfume solto no oceano», Alberto de Lacerda partiu no fim da adolescência para uma Lisboa

© 2018, Luís Amorim de Sousa e
Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Labareda — Poemas escolhidos*
Autor: Alberto de Lacerda
Seleção e prefácio: Luís Amorim de Sousa
Coordenador da colecção: Pedro Mexia
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Junho de 2018

ISBN 978-989-671-442-0
DEPÓSITO LEGAL N.º: 441389/18

«invocada até à saciedade» mas «hírtia de uma dor inominada», e de lá com destino a uma Londres que o acolheu «Exactamente / No centro / Da liberdade». Mas foi surpreendentemente em Austin, Texas, que se sentiu mais feliz. De lá trouxe amizades para a vida, muita poesia e uma estupenda edição de poemas traduzidos, *Selected Poems*, com a chancela do Humanities Research Center da Universidade do Texas. Foi lá também que escreveu o seu poema mais breve. Uma única palavra: «Paraíso».

Esse poema está gravado na pedra que assinala a sua campa no cemitério de Brompton. A visão do Paraíso trouxe luz à sua vida, e Alberto telefonava aos seus amigos e dizia frases destas: «Desceu aqui uma luz paradisíaca». O cemitério de Brompton fica em Chelsea, o seu bairro londrino favorito, ao qual dedicou um livro — *Cor: Azul*.

A dedicatória desse livro inclui o nome de uma amiga, Anne Beresford, poeta. Todos os livros de Alberto de Lacerda contêm dedicatórias para amigos. Livros inteiros e poemas soltos. Amigos que eram artistas, poetas, pessoas que admirou e cultivou, outras que amou apaixonadamente, e Mozart, Wolfgang Amadeus Mozart, na companhia de quem celebrava, frequentemente sozinho, a chegada de cada novo ano. A taça que à meia-noite erguia num comovido brinde à paz e à humanidade era bebida ao som de um Divertimento de Mozart, sempre o mesmo, ano após ano: «O divino Divertimento n.º 15».

*

Organizar uma recolha de poemas que faça justiça a um poeta, e neste caso a um poeta injustamente esquecido,

é uma tarefa arriscada. Mas, ao invocar justiça, justiça deve ser feita à Imprensa Nacional-Casa da Moeda, que salvou Alberto de Lacerda de um esquecimento imerecido. Embora se queixasse, gracejando, de que a Imprensa Nacional era «mais um ministério do que uma casa editora», foi lá que Alberto conseguiu ir publicando, e lá também saiu o seu último livro: *Horizonte* (Dezembro de 2001).

Com a publicação do volume *Oferenda I*, Alberto de Lacerda reuniu todos os livros que tinha até então publicado e mais três livros inéditos: *Lisboa*, *Tauromagia* e *Cor: Azul*. Desses três, os dois primeiros vieram a ser publicados posteriormente em edições separadas. *Oferenda II* contém três livros inéditos, *Opus 7*, *Ariel e a Luz* e *Mecânica Celeste*, com poemas escritos entre 1963 e 1970. Cada um destes volumes traz capa e folha interior com retratos de Alberto de Lacerda por artistas seus amigos: Arpad Szenes (dois retratos), Júlio Pomar e Jean Hugo. Alberto orgulhava-se dessas amizades e do cuidado posto nessas edições.

No entanto, aos amigos mais chegados Alberto de Lacerda confiava este lamento: «Há livros meus que nunca tiveram vida própria.» Desses, em meu entender, o caso mais evidente diz certamente respeito a *Mecânica Celeste*, que corresponde à sua estadia em Austin e encontrou o poeta aberto a um mundo de apelos novos. Lá deparou com a agitação causada pela guerra do Vietname, lá viveu amores e fez boas amizades, de lá partiu também à descoberta de outra cidade que também muito amou: Nova Iorque, a sua «Cidade Nadja». Posteriormente, durante os anos em que leccionou em Boston, a cidade de Nova Iorque foi para Alberto um foco de inspiração ao qual nunca resistiu.



IMPROMPTU

E assim te foste, luz de vaga-lume,
feita de segredo e brevidade.
Impossível definir aquele perfume
que o teu surgir me trouxe nessa tarde.

VENTO

Que a minha vida fosse para os humanos
como o vento que passa e que se esquece.

27.6.1945

OS POETAS E OS AMANTES

Ignoram e sabem. São o vento
que orienta os caminhos verdadeiros.
Redentores dos deuses nos humanos,
ei-los —
a fúria solene das noites que amanhecem,
as lágrimas dos olhos ignoradas,
a doçura das praias que prosseguem,
conservando na areia, durante algum tempo,
os passos humanos.

DIA

És afinal o vento que veio destruir
a nuvem de presságio que eu soube desde sempre
que não nos pertencia.

Repetes
junto dos deuses
a luz do que em nós foi
confusamente humano.

Nas minhas mãos
como se eu fosse a vida
aqueço e esfrio o teu rosto ardente de astros.

Filhos cegos dos gregos,
a noite do seu Dia é que nos vê.

O MARINHEIRO NA CIDADE

Qualquer coisa recorda nele
a força do vento e as ondas do mar:
o ar desprendido de adolescente
e a pureza intacta do olhar.

SONATA

Ao António Ramos Rosa

I

Horas de graça violentas
que dantes me visitavam,
oh difíceis companheiras
aéreas e marinheiras
agora que o mar e o ar
são longínquos paraísos
que eu não sei imaginar.

II

Flor eterna, meio dia,
mar antigo, alma diurna, —
hei-de voltar, Fantasia,
voltar a ser a alegria
que se soltava na bruma
por completo a desfazia
até ser naquele templo
aquela mesma coluna.

BACH

No claro silêncio desnudo,
a Geometria dança livremente.

Eu sinto, eu creio, eu canto, e a luz é tanta
que a sala se esboroa por completo
e o céu cobre, em palácio, o mundo inteiro.

Sou a recta sublime que se cumpre
desde o centro da terra ao infinito.

ÊXTASE

E estando juntos destruímos portas
somos o equilíbrio das forças reclinadas

devassamos o corpo como um mito

QUE OS MEUS POEMAS

Como os seixos, lavados pelo mar; que fossem como seixos lavados pelo mar; que chegassem às mãos duma rapariga de 27 anos que conheço; de um órfão de 14 anos; de uma prostituta de 67 que eu não conheço; da moça que me deu o touro azul da Bahia; às mãos de três mil desesperados, velhos e novos, de ambos os sexos; de uma mãe magoada, suavemente magoada de mágoas, que viveu e viverá sempre numa ilha que eu nunca conhecerei; que os meus poemas chegassem às mãos de um marinheiro de vinte anos.

Que fossem esquecidos, com várias páginas maceradas, num avião, e a aeromoça, encontrando-os, distraída — lesse quatro, e os abandonasse com um sorriso sem ironia.

Que fizessem parte da biblioteca dum grande navio transatlântico, onde fossem solicitados, de raro, por mulheres muito belas; que habitassem um veleiro que desse a volta ao mundo de três em três anos; que existissem num barco de pescadores, talvez porque um deles, em tempos, perdidamente apaixonado por uma algarvia, escreveu, numa tarde vermelha, sete poemas curtos (que guardou para sempre, algures), e os meus poemas ficaram a fazer parte do barco, como se fossem redes, cordas, bancos velhos.

Que os meus poemas dissessem às mulheres e aos homens (aos que eu conheço e aos que eu não conheço)

tudo quanto nunca saberei dizer a ninguém, mas que, eu espero (é essa a mais ambiciosa, a mais dolorosa e bela das minhas esperanças) os meus poemas dizem, não nas palavras, pois é maravilha que não cabe em palavras, mas no espaço que eu tenha criado entre as palavras, e é o que mais importa de tudo quanto fiz neste mundo.

Que os meus poemas reconciliem; acordem; surpreendam; encurtem; abram e fechem como leques brutais; repitam, para os outros, não o que eu senti (que não interessa — o que me originou o impulso de criar não foi nunca que os outros sentissem o que eu senti) mas a paisagem no centro da vida e aterrada maravilhosamente do pressentimento dos deuses, que se me abre várias vezes ao dia desde a infância (e antes), mas nem todos os dias exige o tributo amoroso do poema.

Que os académicos, dentro e fora das academias, ignorem sequer as letras dos meus nomes herdados século a século, desde o décimo terceiro, de Castela.

Que os meus poemas ajudassem a não esquecer nunca a maravilha da vida; o horror da vida.

Que abrissem para fora como as janelas que só abrem para fora.

Que os meus poemas ajudassem a não esquecer nunca a liberdade.

Que tivessem vida própria como os gatos, os tigres, os homens belos com olhos de criança, os lemes, e os quadros a óleo, que mudam com a temperatura do mar, a luz do dia e o sol da noite.

Que o meu livro com todos os meus poemas não fosse incompatível com o fundo do mar; que envelhecesse, como o mundo, que às vezes envelhece; que tivesse a juventude

do mundo, que rejuvenesce por ciclos — flor súbita, estrelas milenárias, quilha de brilhantes e de festa, amor eterno, verdadeiramente eterno.

Que os meus poemas fossem buscados avidamente pelos perseguidos, ou pelos que, sete horas antes, nos altos terraços sobre o mar, ou em leitos miseráveis, juraram amor eterno.

Que o meu livro, cortadora proa, abrisse uma brecha para deixar ver um elo mais fundo e mais largo; que fosse visto numa primeira semana de Dezembro, nas mãos de Clara — Clarinha — passeando junto à Lagoa Rodrigo de Freitas; que fosse encontrado, numa madrugada de Inverno, rasgado, nas escadarias da ponte de Waterloo, junto a Somerset House, onde beijei, numa madrugada de Inverno, a face emblemática.

Que os meus poemas se pareçam com o povo, que nunca adularam (é uma indignidade adular seja quem for, sobretudo o povo).

Que o meu livro corresse todos os riscos, não fosse protegido, nunca, de nada, de ninguém (os homens não são iguais, mas nasceram todos com direitos iguais — dizem os meus poemas, sem excepção).

Que os quatro versos à minha Ilha de Moçambique (*Ó Oriente surgido do mar*) fossem gravados em bronze na frontaria do Palácio de S. Paulo, e homens de cor nenhuma nunca os arrancassem, pois é a ilha bem amada onde nasci.

Que os meus poemas revelassem (consolar — nunca; ou só em casos raríssimos).

Que os meus poemas fossem um comércio amoroso. Ao longo do tempo. Dos tempos. Livres do meu rosto. Do

meu corpo. Do amor sem explicação e sem limite que os fez nascer a todos, mesmo aqueles que falam de aniquilamento. Livres da minha passagem pela terra. Do meu nome. Isentos de biografia.

Londres, Fevereiro de 1964

[Publicado pela primeira vez em *Oferenda II* (1994).]

1928

Carlos Alberto Portugal Correia de Lacerda nasce a 20 de Setembro na Ilha de Moçambique, último filho de Carlos Augusto Portugal Correia de Lacerda e Leopoldina dos Santos Madeira Correia de Lacerda.

Vive com a família em diferentes postos administrativos da então colónia de Moçambique, até ser levado para Lourenço Marques, onde frequenta o Liceu.

Publica os primeiros poemas com a idade de 14 anos.

1946

Parte para Lisboa. Prosegue estudos no Instituto Britânico e na Alliance Française.

1947

Luís de Montalvor aceita para publicação o livro *Ponte Suspensa*, que não saiu devido à morte inesperada do editor.

1951

Os *Cadernos de Poesia* dedicam-lhe um número inteiro. Parte para Londres em cumprimento de um contrato de trabalho como locutor e redactor do serviço português da BBC. Relaciona-se com figuras destacadas nos meios culturais britânicos.

1952

Através de Edith Sitwell, conhece T.S. Eliot e Dylan Thomas.

1954

Termina o seu contrato de trabalho na BBC. Permanece em Londres, sobrevivendo como jornalista e locutor em regime *freelance*. Escreve para o *Diário de Notícias* e o *Diário Popular*.

1955

Publica *77 Poemas*, numa edição bilingue da casa Allen & Unwin, em tradução do autor e de Arthur Waley, que também escreve o prefácio. Os poemas de *Ponte Suspensa* constituem a primeira secção do livro.

1956

Contribui para a programação do Terceiro Programa da BBC, com três programas dedicados à poesia portuguesa. Nesse programa, Fernando Pessoa é trazido pela primeira vez ao conhecimento do público de língua inglesa.

Luís Rosa, meio-irmão de Fernando Pessoa, residente em Inglaterra, ouve o programa e envia-lhe uma carta de agradecimento.

1959-1960

A convite de Manuel Bandeira, faz uma visita de três meses ao Brasil, preenchida com palestras e leituras. Relaciona-se com as figuras principais do modernismo brasileiro. Oscar Niemeyer leva-o a ver Brasília, em fase de construção.

1961

Publica *Palácio*, na editora Delfos.

Continua a residir em Londres, sobrevivendo com dificuldade, mas sem deixar de participar na vida cultural da cidade. Colabora com prestigiadas revistas inglesas e internacionais.

1963

Publica *Exílio*, na Portugália Editora, colecção Poetas de Hoje. Prefácio de António Ramos Rosa.

1967

A convite da Universidade do Texas, parte para Austin, onde orienta cursos de Português, Francês e Literatura Comparada. Relaciona-se com Octavio Paz e Marie Jo Paz, sua mulher.

1969

Visita o México, onde, inspirado pelos vestígios das civilizações maia e azteca, escreve o livro *Trinta e Quatro Poemas Mexicanos ou a Genealogia do Tempo*, que permanece inédito.

Ao lado de Octavio Paz, organiza e colabora num festival internacional de poesia em Austin, no qual participam também Jorge Luis Borges, Czesław Miłosz, Robert Duncan, Louis Zukofsky, David Wevill e Robert Creeley, entre outros.

Publica *Selected Poems*, edição bilingue em tradução do autor e de outros poetas de língua inglesa, na Tower Series da Texas University Press.

1970-1972

Regressa a Londres, onde retoma a sua vida *freelance*. Muda de casa para 48A Primrose Mansions, Prince of Wales Drive, na margem sul do Tamisa. Com essa mudança, deixa de viver em Chelsea, o seu bairro preferido, ao qual dedicou um livro. O prédio onde reside fica entre duas pontes: Chelsea Bridge e Albert Bridge.

1972-1996

É convidado para leccionar na Universidade de Boston. Reencontra Octavio Paz e Roger Shattuck, e trava novas amizades. Dá-se com Jorge Guillén, Roman Jakobson, Anne Sexton, Elizabeth Bishop e outras figuras da cena literária da Costa Leste dos Estados Unidos. Continua a publicar poesia e crítica de arte em revistas internacionais.

1973

Lança a revista *Maio*, com poemas originais em quatro línguas. São colaboradores do único número Jorge Guillén, Murilo Mendes, Octavio Paz, Mário Cesariny, Augusto de Campos, Anne Beresford e Dominique Fourcade, entre outros. Capa com letras de Jorge Guillén.

1977

É, até hoje, o único poeta português a fazer uma leitura pública na Biblioteca do Congresso, em Washington, e grava uma selecção de poemas para os arquivos sonoros daquela instituição.

1981

Publica *Tauromagia*, na editora Contexto, com ilustrações de Júlio Pomar. O livro é dedicado a Arpad Szenes.

1984

Publica *Oferenda I*, com capa de Arpad Szenes, numa edição da Imprensa Nacional/Casa da Moeda, que reúne os seus livros anteriores, acrescentando o poema *Lisboa* e o volume *Cor: Azul*, ambos inéditos até então. A partir desse momento, o seu editor regular passa a ser a IN/CM.

1987

Expõe parte da sua colecção particular no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. A exposição *O Mundo de Um Poeta* causa sensação no meio artístico lisboeta. Expõe colagens de sua autoria na Sociedade Nacional de Belas Artes. Publica *Elegias de Londres*, com capa de Paula Rego. Publica o poema *Lisboa* numa edição especial, com capa e gravura original de Vieira da Silva.

1988

Publica *Meio-Dia* na Assírio & Alvim. O livro é distinguido com o Prémio do Pen Clube.

1991

Publica *Sonetos*, numa edição de autor impressa em Veneza (Centro Internazionale della Grafica), com capa de Vieira da Silva. Este livro nunca teve distribuição comercial.

1994

Publica *Oferenda II* (IN/CM), volume constituído por três livros inéditos: *Opus 7* (1965), *Ariel e a Luz* (1967) e *Mecânica Celeste* (1970).

1996

Reforma-se da Universidade de Boston na categoria de Professor Emérito de Poética. Regressa a Londres definitivamente.

1997

Publica *Átrio* (IN/CM), com capa de Adrien de Menasce.

2001

Publica *Horizonte* (IN/CM), com capa de Arpad Szenes.

Os seus últimos livros são recebidos em silêncio. Isola-se, mas continua a fazer os seus percursos pelos teatros, salas de concertos, museus, galerias, antiquários e livrarias de Londres.

2007

É encontrado em coma no seu apartamento de Primrose Mansions. Levado para o hospital, morre a 27 de Agosto.

Alberto de Lacerda está enterrado no Cemitério de Brompton, em Chelsea. A sua presença em Londres está visualmente representada nos murais de Paula Rego no restaurante da Sainsbury Wing do museu National Gallery, e como modelo para um dos painéis do pintor australiano Edgar Ritchard, na sacristia da igreja Brompton Oratory. Junto à sua mesa preferida no restaurante Caprini, na vizinhança do Royal Festival Hall, Alberto de Lacerda é igualmente lembrado com uma fotografia e o poema «Êxtase», escrito na Ponte de Waterloo.

ÍNDICE

| | |
|---|---|
| Alberto de Lacerda — um prefácio <i>Luís Amorim de Sousa</i> | 5 |
|---|---|

de *77 Poemas* (1955), incluído em *Oferenda I* (1984)

| | |
|---|----|
| Impromptu | 15 |
| Vento | 16 |
| Os poetas e os amantes | 17 |
| <i>És afinal o vento que veio destruir</i> | 18 |
| Dia | 19 |
| O marinheiro na cidade | 20 |
| Sonata | 21 |
| Bach | 22 |
| Êxtase | 23 |
| <i>De puro ardor hei-de morrer ao fim</i> | 24 |
| <i>Há dias inalcançáveis e sós como as estrelas</i> | 25 |
| <i>Na noite de todos os tempos</i> | 26 |
| <i>Ali onde sem nome a pátria escura</i> | 27 |
| Homenagem a Piero della Francesca | 28 |

de *Palácio* (1961), incluído em *Oferenda I* (1984)

| | |
|---------------------|----|
| <i>Esta sombra</i> | 31 |
| Lugar comum | 32 |
| O tigre que caminha | 33 |
| If | 34 |
| Opus 2, n. 30 | 35 |

| | |
|--|----|
| Devagar | 36 |
| Sonata incompleta | 37 |
| Opus 2, n. 51 | 38 |
| D. | 39 |
| Ruínas de um soneto | 40 |
| Hoje | 41 |
| Ma chanson de Paris | 42 |
| Londres | 44 |
| No túmulo de Mário de Sá-Carneiro | 45 |
| | |
| <i>de Lisboa (1981), incluído em Oferenda I (1984)</i> | |
| | |
| Lisboa [fragmento] | 46 |
| | |
| <i>de Tauromagia (1981), incluído em Oferenda I (1984)</i> | |
| | |
| José Júlio | 49 |
| Touro I | 51 |
| Touro e toureiro | 52 |
| Touro parado na arena | 53 |
| | |
| <i>de Exílio (1963), incluído em Oferenda I (1984)</i> | |
| | |
| De novo a maravilha | 54 |
| Quando em silêncio | 56 |
| Foi uma sombra | 57 |
| Poema invisível | 58 |
| A língua portuguesa | 59 |
| Lago Niassa | 61 |
| Exílio | 63 |
| Meio-dia | 64 |
| Grito | 65 |
| Lourenço Marques revisited | 66 |
| Mandimba Metónia Vila Cabral | 67 |

| | |
|--|-----|
| A Mouzinho de Albuquerque | 68 |
| Outros sons | 69 |
| Moçambique | 70 |
| | |
| <i>de Cor: Azul, incluído em Oferenda I (1984)</i> | |
| | |
| Declaração | 71 |
| Fechei os olhos | 72 |
| Há dias | 74 |
| A energia das ruas | 75 |
| Onde o teu centro | 76 |
| Aos deuses | 78 |
| A chama selvagem | 79 |
| Sonata quase uma fantasia | 80 |
| Um deus | 81 |
| O atleta | 82 |
| Chelsea | 83 |
| | |
| <i>de Elegias de Londres (1987)</i> | |
| | |
| Primeira elegia | 84 |
| Segunda elegia | 86 |
| Terceira elegia | 91 |
| Sexta elegia | 94 |
| Sétima elegia | 99 |
| Décima segunda elegia | 106 |
| Décima terceira elegia | 111 |
| Décima quarta elegia | 121 |
| | |
| <i>de Meio-dia (1988)</i> | |
| | |
| Austin revisited | 127 |
| Austin | 128 |
| Perder-te eu nunca | 129 |

| | |
|------------------------------|-----|
| <i>Imagens se atropelam</i> | 131 |
| <i>Ver</i> | 133 |
| <i>Fitei o mal</i> | 135 |
| Walt Whitman dá-me a tua mão | 137 |

de *Sonetos* (1991)

| | |
|------------|-----|
| Soneto 1 | 141 |
| Soneto 3 | 142 |
| Soneto 4 | 143 |
| Soneto 12 | 144 |
| Soneto 20 | 145 |
| Soneto 21 | 146 |
| Soneto 41 | 147 |
| Soneto 89 | 148 |
| Soneto 107 | 149 |
| Soneto 108 | 150 |
| Soneto 125 | 151 |
| Soneto 142 | 152 |

de *Opus 7*, incluído em *Oferenda II* (1994)

| | |
|-------------------------------------|-----|
| Novembro | 153 |
| <i>Noite noite noite lentamente</i> | 154 |
| Nessa noite | 155 |
| Love poem | 156 |
| Picasso | 158 |
| <i>Ó canção que eu persigo</i> | 159 |
| Atelier de Arpad Szenes | 160 |
| <i>Belo animal sombrio</i> | 161 |
| As pontes visíveis e as invisíveis | 162 |

de *Ariel e a Luz*, incluído em *Oferenda II* (1994)

| | |
|--|-----|
| O του λονδινιου βασιλευς | 163 |
| Ritual of purification | 165 |
| <i>Da tua chama em pura ausência escrita</i> | 166 |
| Túmulo de Safo | 167 |
| Sequência | 168 |
| <i>Estás hoje em toda a parte como o vento</i> | 169 |
| <i>E aqui estou</i> | 170 |
| <i>És mais profundo do que tu</i> | 172 |
| <i>Por ti aprofundei de forma inverosímil</i> | 173 |
| <i>Amei-te mais do que os deuses mereciam</i> | 174 |
| Hino ao vinho | 175 |
| Diónisos | 176 |
| <i>Eu queria ver amanhecer as superfícies de metal</i> | 177 |

de *Mecânica Celeste*, incluído em *Oferenda II* (1994)

| | |
|--|-----|
| <i>A separação</i> | 178 |
| Nada | 179 |
| Iniciação | 180 |
| <i>Hei-de passar</i> | 181 |
| <i>É o ponto suspenso, o terraço</i> | 182 |
| No palácio de Adriano | 183 |
| Palácio de Piero della Francesca | 184 |
| Homenagem a Vieira da Silva | 185 |
| Fotografias de Cecília Meireles e Manuel Bandeira com espelho ao meio | 186 |
| Da política de boa vizinhança | 188 |
| Uma índia do pueblo de Santo Domingo | 190 |
| Marcha da paz | 192 |
| O princípio do fim | 196 |
| Saying good-bye to San Francisco | 198 |

de *Átrio* (1997)

| | |
|----------------------------------|-----|
| <i>A laranja no meio da mesa</i> | 199 |
| Díptico para Bill Evans | 200 |

de *Horizonte* (2001)

| | |
|---------------------------------------|-----|
| <i>Tudo o que vier</i> | 201 |
| Washington revisited | 202 |
| Natureza morta | 205 |
| Iniciais | 206 |
| <i>O arbitrário da dúvida ferindo</i> | 209 |
| João Cabral | 210 |
| Interlúdio | 211 |

de *O Pajem Formidável dos Indícios* (2010)

| | |
|----------------------|-----|
| Londres reencontrada | 212 |
| Unidade | 213 |
| The gift of tears | 214 |

de *A Luz Que Se Escondeu no Escuro* (2016)

| | |
|-------------|-----|
| <i>Aqui</i> | 217 |
|-------------|-----|

POEMAS INÉDITOS

| | |
|---------------------------|-----|
| <i>Os ossos do homem</i> | 221 |
| <i>Um sol interior</i> | 222 |
| Nó | 223 |
| <i>Imóvel</i> | 224 |
| Soneto dos cinquenta anos | 225 |
| <i>O ar quieto</i> | 226 |

| | |
|---|-----|
| <i>E vejo o paraíso desdobrando</i> | 227 |
| <i>Cintila</i> | 228 |
| To Bettina | 230 |
| <i>Estou preparado para tantas surpresas</i> | 231 |
| <i>Reencontro a estrada</i> | 232 |
| <i>As tuas cartas reproduzem</i> | 233 |
| <i>As palavras surgem do teu corpo</i> | 234 |
| Espanha — 1989 | 235 |
| <i>O pudor imenso</i> | 237 |
| Sense of glory | 238 |
| Alhambra | 239 |
| Waterloo | 240 |
| Em Boston, U.S.A. | 241 |
| <i>O gesto arrependido vai impondo</i> | 243 |
| Nocturno da Graça e da Mouraria | 244 |
| <i>A esperança toma às vezes forma humana</i> | 246 |
| Poesia | 247 |
| Au bois dormant | 248 |
| Ala que se faz tarde | 249 |
| <i>O equilíbrio instável de um momento</i> | 251 |
| <i>Os enigmas avultam. E a estrada</i> | 252 |
| <i>A luz que ali sondara seus limites</i> | 253 |

| | |
|--------------------|-----|
| Que os meus poemas | 255 |
|--------------------|-----|

| | |
|-------------------------------------|-----|
| Alberto de Lacerda — uma cronologia | 259 |
|-------------------------------------|-----|



labareda
poemas escolhidos

de Alberto de Lacerda

foi impresso na Guide, Artes Gráficas,
em papel CoralBook de 90 g, em Maio de 2018.